

## CONSIDERAÇÕES SOBRE CAPAS DE *STATION ELEVEN*, DE EMILY ST. JOHN MANDEL

**Flávia Denise Pires de Magalhães**

Mestranda em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Bacharel em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). E-mail: flavia.denise@gmail.com.

### RESUMO

Este estudo discute o conceito de tradução, aplicando-o na elaboração da capa de um livro e na adaptação desse paratexto para outros países. Partindo dos conceitos de tradução, de Walter Benjamin (2008); de tradução intersemiótica, de Roman Jakobson (1985); assim como o de tradução visual, de Giovanni Baule, citado por Marco Sonzogni (2011), este estudo busca identificar quais são as trocas que ocorrem entre um texto e seu paratexto. Três formas de tradução são possíveis na elaboração da capa de um livro: primeiro, a elaboração da capa original a partir do texto (tradução intersemiótica), segundo, a tradução da parte textual da capa original para outra língua, mantendo o restante do material igual ou similar (tradução idiomática); terceiro, a re-elaboração da capa a partir da capa original, e não do texto, (tradução visual). Levando-se em consideração esses conceitos, é feita a análise das traduções de capas do livro *Station Eleven*, da autora canadense Emily St. John Mandel (2014). A obra recebeu paratexto inédito em grande parte das mais de 20 localidades onde foi editada, em um processo de tradução que ora parte do texto original, ora de uma versão anterior da capa. Sendo tradução, a elaboração da capa pode ser analisada a partir do princípio da fidelidade. Porém, a tradução aqui, seja ela intersemiótica, idiomática ou visual, é entendida como fruto de uma negociação entre interesses diversos.

**Palavras-chave:** Paratexto; tradução; edição

### ABSTRACT

This study discusses the concept of translation, applying it in the elaboration of the cover of a book and in the adaptation of this paratext to other countries. Starting from the concepts of translation, by Walter Benjamin (2008); of intersemiotic translation, by Roman Jakobson (1985); as well as of visual translation, by Giovanni Baule, cited by Marco Sonzogni (2011), this study seeks to identify which are the exchanges that occur between a text and its paratext. Three forms of translation are possible in the elaboration of the cover of a book: first, the elaboration of the original cover from the text (intersemiotic translation), second, the translation of the textual part from the original cover to another language, keeping the rest of the material equal or similar (idiomatic translation); third, the re-elaboration of the cover from the original cover, not the text, (visual translation). Taking these concepts into account, the covers translations of the book *Station Eleven* by the Canadian author Emily St. John Mandel (2014) are analyzed. The work has received a new paratext in most of the more than 20 places where it was

edited, in a translation process that can be made from with the original text or an earlier version of the cover. The elaboration of the cover, as a translation, can be analyzed from the principle of fidelity. However, the translation here, be it intersemiotic, idiomatic or visual, is understood as the fruit of a negotiation between a range of interests.

**Keywords:** Paratext; translation, editing.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde o início do século XIX, quando as capas de livros deixaram de ser uma encadernação de couro e passaram a ser impressas em papel ou papelão, muito depressa começou-se a explorar seus recursos, assegura Gérard Genette (2009). Nos duzentos anos que se passaram desde então, esse elemento paratextual se tornou, de certa forma, o “embaixador” do livro, apresentando-o e representando-o em circunstâncias nas quais o texto em si não o pode fazê-lo, a exemplo de reportagens e críticas literárias, as quais a capa frequentemente serve de ilustração; em livrarias, onde o livro é selecionado pelo leitor a partir de sua capa e das informações (visuais e textuais) expostas ali; ou no ambiente digital, no qual, impossibilitado de ter contato físico com a obra, o leitor se familiariza com o tomo por meio da capa. Ou, usando as palavras de Marco Sonzogni:

Como ela re-presenta e re-posiciona o texto em diversas linguagens, culturas, tempos e espaços, a capa realiza um ato crucial de mediação sócio-cultural, oferecendo uma ponte entre autores e leitores. De muitas maneiras, imagens são menos ambíguas e, assim, mais acessíveis do que palavras em como elas expressam associações específicas de uma cultura.<sup>1</sup> (SONZOGNI, 2011, p.15)

Para exercer bem essa função de embaixadora do conteúdo do livro, ela deve, como toda boa tradução, exprimir um sentido tão próximo quanto possível daquele presente no texto. Em um mundo ideal, a capa seria uma representação visual fiel ao texto, informando de forma implícita o tipo de leitura que ela antecede, assim como o gênero do texto, o estilo da obra etc. A realidade, porém, é que essas questões não são tão simples. Assim como o campo de pesquisa da tradução idiomática revela uma distância entre um original e sua tradução, o mesmo pode ser observado na tradução intersemiótica de um texto para sua capa. Contudo, observando a relevância desse elemento editorial, é preciso lançar o olhar para sua produção. Afinal, as adequações feitas a essa “embaixadora” para garantir sua aceitação em determinado país revela hábitos das culturas de origem e de chegada, sendo possível que revele, inclusive, o grau de desigualdade da troca entre essas culturas.

## 1 - REFERENCIAL TEÓRICO

A investigação e o catalogamento desse paratexto têm ficado a cargo de pesquisadores da área de mercado editorial, a exemplo de John B. Thompson, que avalia as vantagens e desvantagens da capa dura e da brochura e seus respectivos mercados em “Mercadores de Cultura”, ou do design editorial, a exemplo de Alan Powers, autor de “Era uma Vez

---

1

Tradução nossa.

uma Capa” e “Front Cover: Great Book Jacket and Cover Design”<sup>2</sup>. Para além disso, quem busca pesquisas acadêmicas sobre a questão editorial da capa encontra pouco além de descrições do que consiste esse paratexto.

Ora, a realidade é que uma capa deve, além de exprimir o sentido do livro, servir de representante comercial, é natural que olhares de vários setores do mercado do livro sejam levados em consideração em sua criação – e não somente o olhar de seu tradutor. Partindo dos conceitos de tradução, de Walter Benjamin (2008); de tradução intersemiótica, de Roman Jakobson (1985); assim como o de tradução visual, de Giovanni Baule, citado por Marco Sonzogni (2011), este estudo busca identificar quais são as trocas que ocorrem entre um texto e seu paratexto.

Três formas de tradução são possíveis na elaboração da capa de um livro: primeiro, a elaboração da capa original a partir do texto (tradução intersemiótica), segundo, a tradução da parte textual da capa original para outra língua, mantendo o restante do material igual ou similar (tradução idiomática); terceiro, a re-elaboração da capa a partir da capa original, e não do texto, (tradução visual).

## **2 - OBJETIVOS**

### **Objetivo geral**

Investigar as diferentes formas de tradução possíveis para a capa de um livro

### **Objetivos específicos**

Investigar possibilidades da tradução no âmbito das artes gráficas

Investigar os tipos de tradução usados na elaboração das capas do livro *Station Eleven*, de Emily St. John Mandel

## **3 - METODOLOGIA**

Com uma pesquisa que engloba tanto uma investigação teórica, a qual é baseada em Walter Benjamin, Roman Jakobson e Marco Sonzogni, e prática, que gira em torno do livro *Station Eleven*, de Emily St. John Mandel, como já explicitamos, optamos por duas abordagens, cada uma adequada a um dos aspectos citados.. Antes de discorrer sobre eles, é preciso, no entanto, lembrar que, uma forma de organizar e delinear a investigação científica, a metodologia não deve ser abordada como um processo fechado, totalmente controlável, como aponta Fonseca:

Nunca podemos prever de antemão que o modelo que construímos seja, “a chave da compreensão” ou sequer relevante quando lidamos com casos específicos. Deve ser trabalhado como hipótese, a ser testada ao lado de outras hipóteses. Serve para oferecer uma alternativa, para abrir

---

<sup>2</sup>

Numa tradução literal, o nome do livro de 2011, ainda sem edição no Brasil, é “Primeira Capa: Grande Jaquetas e Design de Capas de Livros”

o leque de interpretações possíveis, não para fechar o assunto ou criar novas fórmulas dogmáticas. (FONSECA, 1998, p.76)

Levando em consideração as palavras dos autores, esse trabalho será fundamentado numa metodologia qualitativa em duas etapas:

A primeira etapa foi o levantamento bibliográfico. Nesta etapa, levantamos referências teóricas e lemos o material relevante encontrado que possa balizar os questionamentos levantados pela pesquisa aqui proposta e ajudar na compreensão dos resultados encontrados. A pesquisa bibliográfica foi feita em livros publicados sobre o temas tradução, tradução intersemiótica e tradução visual, da análise de dissertações e teses publicadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e da análise de artigos publicados nos anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), além de outras fontes. A segunda etapa foi a análise das capas de *Station Eleven* a partir dos conceitos explicitados pelos autores cujos materiais balizam as conclusões deste artigo.

#### **4 - AS CAPAS DE UM TEXTO: CASO *STATION ELEVEN***

Neste estudo, fizemos uma análise das capas do romance da autora canadense Emily St. John Mandel, *Station Eleven*. O livro, ganhador do prêmio Arthur C. Clarke em 2015, é sobre um futuro pós-apocalíptico e como ele aconteceu. Ele foi escolhido como objeto por ter sido bem-sucedido o suficiente, em termos de vendas, para ter mais de 40 edições publicadas e ser traduzido para 31 línguas, mas não ter alcançado sucesso a ponto de chamar atenção da mídia internacional, o que aumentaria as chances de as editoras que o traduziram quererem replicar sua capa original sem mudanças além do texto do título, o que ocorre com livros que são assinados por nomes internacionalmente reconhecidos, como observa Dilek Nur Polat em sua dissertação “Rebranding Book Covers of Foreign Editions”<sup>3</sup>, para a University of Reading, no Reino Unido.

O livro foi publicado, originalmente, em setembro de 2014, pela Vintage, selo da editora americana Random House. A segunda edição do livro foi publicada no Canadá, país onde a autora nasceu, pela editora Thorndike, em dezembro de 2014.

---

3

“Recriando Capas de Livros em Edições Estrangeiras”, em tradução livre.



Capa original do livro, publicada em 2014, nos EUA e, posteriormente, no Canadá  
(à esquerda)

Segunda versão do livro, publicada em 2015, no Reino Unido (à direita)

Ao longo dos anos seguintes, a tradução visual original do livro, feita por Abby Weintraub, parece ter se tornado uma referência tão impactante quanto o texto de Mandel para os responsáveis pela versão da capa em novos países.



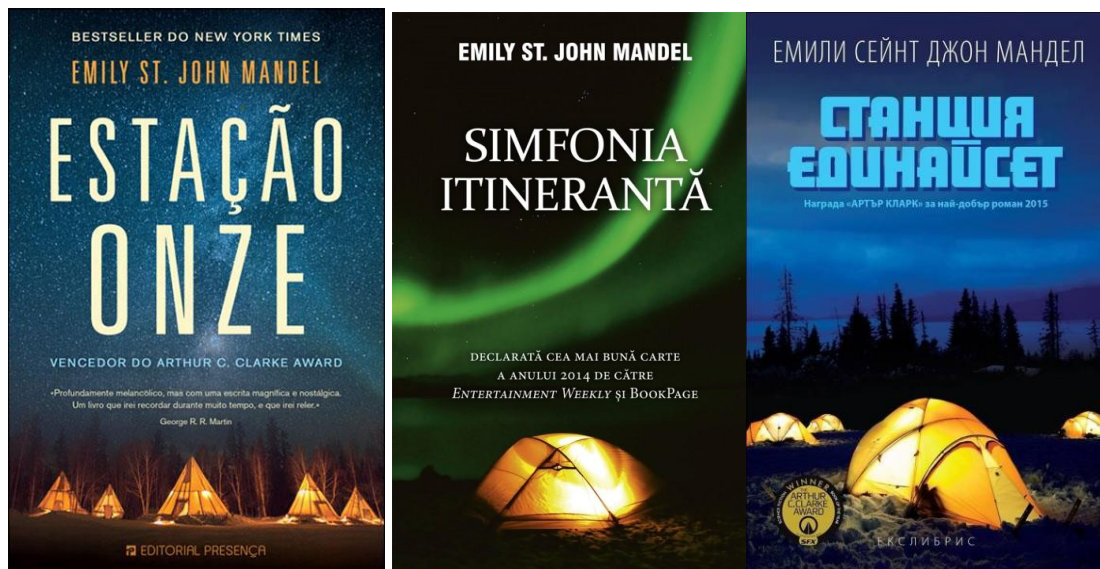
Capa do livro publicado na Noruega, pela editora Font Forlag (à esquerda)

Capa publicada no Brasil, pela editora Intrínseca (centro)

Capa do livro publicado pela editora Babel, em Israel (à direita)

Há, ainda, as capas que foram claramente inspiradas na visão de Weintraub, apesar de não usarem exatamente a imagem da capa original. Sem menções a um acampamento iluminado no romance de Mandel (os protagonistas usam chassis de carros puxados por cavalos como transporte e acampamento), as capas recriam um momento improvável na

história, deixando claro que a inspiração não é o texto original, mas a tradução intersemiótica original – por mais infiel que ela seja ao romance.



Capa do livro publicado pela Editorial Presença, de Portugal (à esquerda)  
Versão da editora Rao, da Romênia (centro)  
Livro da editora Ex Libris, da Bulgária (à direita)

De mais de quarenta capas de *Station Eleven* publicadas em todo o mundo, dezessete foram analisadas neste artigo. Dessas, oito são traduções intersemióticas do texto e nove podem ser consideradas traduções visuais, de uma capa para outra. Apesar de a análise ser ainda insuficiente para a declaração de um campo, fica claro que a tradução de capas de livros, assim como seus mecanismos, é o objeto que merece ser estudado com maior profundidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra recebeu paratexto inédito em grande parte das mais de 20 localidades onde foi editada, em um processo de tradução que ora parte do texto original, ora de uma versão anterior da capa. Sendo tradução, a elaboração da capa pode ser analisada a partir do princípio da fidelidade. Porém, a tradução aqui, seja ela intersemiótica, idiomática ou visual, é entendida como fruto de uma negociação entre interesses diversos, entre eles os do autor, do designer, do editor e do representante de vendas. Portanto, o paratexto capa, em sua função de “embaixador” do livro em locais nos quais o texto não pode ser representar, pode ser compreendido, também, como um “termômetro” para a análise de influências políticas e econômicas sobre o texto.

Em conclusão, a capa de um livro é resultado tanto de uma tradução (intersemiótica, idiomática ou visual) quanto de influências mercadológicas da editora sobre livro a ser vendido. Considerando a importância da capa como embaixadora de um livro, é alarmante a observação de que o paratexto não é mais estudado. Quando se inclui nessa consideração o fato de que a capa representa, de forma concisa, os interesses do editor, do designer e do representante de vendas, além daquele do autor, me parece óbvia a conclusão de que o paratexto merece maior análise. Afinal, nesse cenário de interesses comerciais e políticos sobrepostos à literatura, pode-se argumentar, inclusive, que a

influência dessas motivações mercadológicas sobre a tradução de capa (intersemiótica ou visual) faria do objeto uma espécie de “termômetro” para avaliar o grau de influência desses aspectos no mercado do livro.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. A tarefa-renúncia do tradutor. Trad. Susana Kampff Lages. IN: BENJAMIN, Walter. **A tarefa do tradutor de Walter Benjamin: quatro traduções**. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008. p. 66-81.

DANTAS, Marta Pragano. Tradução, trocas literárias e (a) d(i)versidade editorial. **Traduzires**. Brasília, v.1, n.1, 2012. p. 72-83.

GENETTE, Gérard. O Peritexto Editorial. IN: GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. Trad. Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009. p 21-35.

JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. IN: JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. 2ªed. Trad. Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1985. P. 63-72.

POLAT, Dilek Nur. **Rebranding Book Covers of Foreign Editions**. 2013. 81 f. Dissertação (Mestrado em Book Design) – University of Reading de Reading, Reino Unido. Disponível em <<https://dnpolat.files.wordpress.com/2014/03/polat-dilek.pdf>>. Acesso em 20 jun. 2017.

SONZOGNI, Marco. The Nature and Function of the Book Cover. **Re-Covered Rose: A Case Study in Book Cover Design as Intersemiotic Translation**. John Benjamins Publishing Company, 2011. P.9-36.